

## **ROMPENDO PARADIGMAS, DESAFIANDO O INSTITUÍDO: A EXPERIÊNCIA DA MULTI-IDADE NA UMEI ROSALINA DE ARAÚJO COSTA**

Adriana Santos da Mata

LCS

7. Cultura, linguagens e arte

Entendendo que os conceitos de infância(s), criança(s) e escola(s) são construídos historicamente a partir do modo pelo qual as sociedades se organizam em cada período, e que, atualmente, as idéias hegemônicas foram impostas pelo sistema capitalista, faz-se necessário encontrar caminhos para implementar uma organização para a escola de educação infantil que rompa com estes modelos, o que exige, conseqüentemente, novas perspectivas sobre crianças, infâncias e papel da escola para os pequenos.

Para além dos diversos problemas de ordem política, burocrática, estrutural, de formação profissional, entre outros, que atrapalham e/ou impedem que se efetive uma educação básica de qualidade no nosso país, denunciados constantemente por estudiosos da área, existem escolas brasileiras da rede pública e particular que ousam criar estratégias, alternativas, propostas, práticas pedagógicas inovadoras a fim de oferecer serviço educacional digno à comunidade.

A Unidade Municipal de Educação Infantil Rosalina de Araújo Costa<sup>1</sup>, que integra a rede pública de educação da cidade de Niterói, atendendo crianças de 3 a 5 anos, é uma destas escolas. Desde o início da década de 1990, a Umei vive um processo dinâmico de reformulação curricular, no qual a formação docente, o registro, o estudo, a articulação entre prática e teoria, a construção coletiva e a aproximação com a comunidade são orientações permanentes. Dentro desse processo, no ano de 2006, procurando construir práticas e romper com paradigmas vigentes, as educadoras decidiram formar o agrupamento das crianças não mais pelo critério da idade única e sim reunindo alunos de 3, 4 e 5 anos num mesmo grupo, o que se convencionou chamar “turmas multi-idade”.

A opção pelo trabalho com grupos de crianças de diferentes idades levou as professoras a reverem suas trajetórias profissionais, rotinas, senso comum, levando-as a interrogar o que consideravam certo, a libertar-se dos pré-conceitos, a questionar os padrões

---

<sup>1</sup> Utilizarei também as siglas *Umeirac*, *Umei*, ou, simplesmente, *Rosalina*, quando me referir ao nome da escola.

hegemônicos da organização escolar, sem, contudo, abandonar os modos de ser professora nem negar a própria história/identidade.

O processo de construção desta experiência foi fortemente marcado por embates entre a escola e o órgão central que, no mesmo período, implantou nova proposta pedagógica em toda a rede municipal.

A experiência com a multi-idade suscita muitas questões. Pretendo investigar se e de que maneira esta proposta pode se configurar numa possibilidade diferente de organização e planejamento dos espaços e tempos na educação infantil; pesquisar como e se as educadoras se reconhecem como sujeitos capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, de *transgredir como uma possibilidade* conforme apontava Paulo Freire (2002, p. 112-113), e enfim analisar o movimento de resistência das educadoras frente ao instituído pelo órgão central para continuar o trabalho com grupos multi-idade.

Apesar das contradições, dos saberes e fazeres pedagógicos diversos, na *Rosalina* parece haver um processo de resgate da autonomia a partir da formação do professor como intelectual crítico. Nesta escola, são oferecidas condições para que as educadoras, coletivamente, tenham a possibilidade de se constituírem como construtoras de práticas, agindo de maneira inventiva, criativa, intencional e responsável, pesquisando, rompendo com o instituído, propondo novos modos, organização, tempos e espaços do/no fazer pedagógico, desnaturalizando o senso comum, avaliando e questionando as respostas obtidas, aproximando-se da perspectiva da professora-pesquisadora, tal como definem Esteban e Zaccur (2002).

Atentar para as experiências formadoras e inovadoras que acontecem no interior da escola, fazendo dos professores autores de diversos conhecimentos prático-teóricos e críticos das políticas públicas de determinação curricular e de formação continuada, torna este estudo relevante.

Outro aspecto a ser destacado é que o trabalho com agrupamentos de crianças de diferentes idades vem sendo experimentado em alguns espaços escolares da rede particular e da rede pública no Brasil e em outros países. Esta forma de organização parece apontar para uma escola de educação infantil que ressalta não os conteúdos tradicionais escolares, segmentados, fragmentados, seriados, enformados, determinados e “adequados” à *faixa etária*, e sim que privilegia os princípios formadores da cooperação, do cuidado, da tolerância, do trabalho coletivo, da autonomia, do respeito às diferenças, da diversidade cultural, da amizade, da responsabilidade, da identidade, do sentimento de pertença, da interação.

A experiência com grupos de crianças de diferentes idades na *Rosalina* foi avaliada constantemente, desde o início. As práticas, as interações, as relações das crianças com seus pares (outras crianças e as professoras) e das professoras com seus pares (as crianças, outras professoras, equipe de articulação pedagógica), foram se construindo dentro de um contexto histórico, social e cultural específico, indicando novas possibilidades, suscitando novas questões.

No trabalho com as turmas multi-idade, as diferenças entre os alunos de idades diferentes e entre os alunos da mesma idade aparecem mais ou talvez sejam mais percebidas pelas professoras. Muitas vezes, as educadoras até parecem esquecer quem é a criança mais velha e quem é a mais nova nas atividades de desenho, na construção de textos coletivos e individuais, nos relatos orais, na contribuição com idéias criativas, inusitadas, imprevistas. Isto parece possibilitar que elas olhem com mais atenção para cada criança, sem comparar umas com as outras, se surpreender com as respostas dadas, enfatizando o percurso que cada uma percorreu e não somente o resultado a que chegou.

Nos grupos formados por crianças de diferentes idades não cabe a idealização de um aluno, nem há a ilusão de uma suposta turma homogênea. Não há parâmetros definidos, limitadores, homogeneizadores. Não se pode determinar, *a priori*, o que o aluno deverá ser capaz fazer nem há uma resposta padronizada para o que esperar do aluno em cada faixa etária. As crianças serão capazes de muitas coisas, mas não dá, nesta proposta, para antecipar nem especificar quais.

#### Referências bibliográficas:

ESTEBAN, Maria Teresa e ZACCUR, Edwiges (org.). Professora-pesquisadora – uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. (Coleção Leitura), 24ª ed.

Palavras-chave: educação infantil, proposta pedagógica, multi-idade